

O POEMA PORTA ABERTA TOCHA ACESA DE CONCEIÇÃO LIMA

Jane Tutikian
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

RESUMO

O artigo analisa a casa país e a casa continente, na obra da jovem poeta Conceição Lima, através de sua revisitação político-histórico-cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Lima; poesia; história; memória

ABSTRACT

This article analyzes “the country house” and “the continent house”, in the work of the young poet Conceição Lima, through its revisitation political-cultural-historical.

KEYWORDS: Conceição Lima; poetry; history; memory

*O degrau há-de ranger ao primeiro passo.
Subirás devagar, concreto
sem pisar a tábuas solta no soalho.
A porta estará aberta, a tocha acesa*

(C.L.)

Há poetas que lutam com as palavras e as aprisionam tentando entender o mundo. Há poetas que lutam com as palavras e as libertam para que o mundo, em liberdade, se entenda.

Os primeiros revelam, não raro, interesses convencionais quanto ao comportamento social e literário.

Os outros, em contrapartida, complexificam para simplificar, encontram para desencontrar e reencontrar, causam perplexidade e comprometimento, impossibilitam o distanciamento entre o ser o que se é e o viver o que se vive. Propõem o espelhamento em que vida, pertença e humano se constituem.

Os outros não se submetem à sequência tradicional nem do verso nem do poema, num, por exemplo, eixo de acontecimentos de causa-efeito, de uma passagem de um equilíbrio a outro equilíbrio, de onde resulta o movimento e o seu ritmo, o que caracteriza a ação canonizada.

Os outros, só eles são capazes de experimentar na carne de que a alma é feita a casa do poema porta aberta tocha acesa e, não raro, o encontro com a solidão, com a saudade, com a melancolia e com a força de saber da sua própria força, o verbo: “Direi teu nome e tu serás.” (LIMA, 2004, p.49)

É porque esses, os outros, são especiais, são os que mergulham no realismo perceptual (de onde não excluo, no caso africano, as crenças e suas práticas ou, em outras palavras, a cultura mítica) para tirar dele uma realidade outra, mais sentida, mais vivida, porque vivida também em outras peles. Eles são incapazes de se perceberem só no tempo da vida, porque seu tempo são todos os tempos, é consciência histórica, é interpretação social.

Nesse sentido, mas com uma voz fortemente individuada, Conceição Lima segue uma tradição, aquela que Inocência Mata (1993, p. 33) tão bem sintetiza: “Nessa poesia social, toda a História das ilhas é ‘estoriada’, segundo um percurso que remonta à escravidão, à profanação da terra com a entrada de elementos da cultura ocidental,” dando forma a uma revolta centenária a que se junta o projeto de salvaguardar a personalidade africana através de um patrimônio cultural e transnacional.” (MATA, 1993, p. 33)

Mais adiante, comenta, ainda, Inocência, “mas a sagesa africana pressupõe a comunhão ancestral e a hierarquização sociofamiliar que denuncia, uma mundividência comunitária.” (MATA, 1993, p. 33)

Pois esta é a matéria de criação de Conceição Lima: a *casa* São Tomé e Príncipe e o Continente. Natural de Santana da ilha de São Tomé, a poeta se situa na linhagem de poetas como o grande Francisco José Tenreiro e de Alda do Espírito Santo – grave voz santomense –, com quem dialoga para “resgatar a praça em nova festa/ para ressucitar o povo e sua gesta” (LIMA, 2004, p. 50), enfim, da geração dos idos de 40 a 60. É a insularidade, comenta Inocência Mata (1993), em toda a sua imanência geopsi-cocultural e socioeconômica a matriz das formas literárias de São Tomé e Príncipe, mas não a insularidade do ilhamento, da solidão.

Jovem, ao mergulhar no *Tellus Mater*, numa expressão singular, porque sua, a poeta vem se reafirmando a cada nova obra como um dos grandes nomes da poesia do pós-independência.

Tomemos de *O útero da casa* (2004), o poema “Máttria”, que inicia o livro.

Quero-me desperta
se ao útero retorno
para tactear a diurnal penumbra
das paredes
na pele dos dedos reviver a maciez
dos dias subterrâneos
os momentos idos (LIMA, 2004, p. 17)

Esta é a porta de entrada, se entendermos que é o espaço e não o tempo o que guarda a memória. E se o espaço é a casa, ela pode ser revisitada, através da literatura, na tentativa de desvendar-lhe não apenas os espaços iluminados, mas também os espaços sombrios, que o tempo, por si só, não é capaz de reconstruir. É justamente na penumbra que a poeta mergulha, tentando iluminar-lhe os sentidos.

A casa útero, a mátria, é templo, é sacralizada, e se há melancolia da perda, há também uma grave crença:

Creio nesta amplidão
de praia talvez ou de deserto
creio na insônia que verga
este teatro de sombras (LIMA, 2004, p. 17)

porque o corpo deste templo mátrio, do castelo melancólico, é força e é rumo, é feito de “tabuas rijas e de prumos”.

O poema que segue é, então, “A casa”, a casa projetada num outro aqui, um projeto inacabado porque a pertença, a verdadeira pertença de quintal “plano, redondo sem trancas nos caminhos” é de uma outra ordem,

da geografia primeira. É da diáspora, “da casa do exílio” como aparece no poema “Herança”, que Conceição Lima vai construindo e reconstruindo sua imagem da casa da pertença, como um universo que constrói para si mesma, imitando a criação paradigmática dos deuses, a cosmogonia, para lembrar Eliade (1979). E como o faz pelo poema, a poeta lida, simultaneamente com imagens dispersas e com um corpo de imagens, valorando da realidade o real, tornando-o, assim, consciência.

É como o eu enunciador vai revisitando as origens nas “Ilhas”:

Em ti me projecto
para decifrar do sonho
começo e a consequencia
Em ti me firmo
para rasgar sobre o pranto
o grito da imanência. (LIMA, 2004, p. 27)

e reconstruindo, poeticamente, a história de São Tomé e Príncipe, trazendo o drama do colonialismo e do que dele sobrou.

Nas palavras de Inocência Mata,

São poemas que, situando-se num plano reflexivo, constroem o relato de uma geração, metonímia de um segmento narrativo no relato da nação. Nessa reconstituição narrativa da nação, o sujeito enunciador combina lembranças de um tempo político e reúne esparsos elos do passado nacional para lhe conferir uma iluminura projectiva, pelo viés da movimentação afectiva e intimista. O fluxo histórico na poesia de Conceição Lima parece ser a força motriz da produção de sentidos. (in LIMA, 2004, p. 12)

De fato, a história do País está lá e o processo do colonialismo foi tirânico, paternalista, perverso, de sobreposição cultural, de exploração.

Já no século XVI desenvolvem-se grandes plantações de açúcar, havendo a necessidade de busca de milhares de escravos do continente africano. As ilhas de São Tomé e Príncipe chegam a contar com cerca de 60 engenhos de açúcar. É o tempo da revolta dos escravos angolanos, ainda hoje verdadeiros símbolos desta região da África.

Aos poucos, estas ilhas assumem uma enorme importância estratégica para os portugueses, como ponto de escala nas rotas de navegação, mas também para o próspero comércio de escravos do Congo e Angola.

No século XIX, são introduzidos o café e o cacau, criando-se grandes plantações e a abolição da escravatura, em 1869, não terminou com o trabalho de escravo. Os escravos passam a ser denominados “contratados”. Milhares de africanos, sobretudo de Cabo Verde, Angola e Moçambique, são forçados a trabalhar para os grandes proprietários numa nova forma

de escravidão. Daí o alerta de Inocência Mata de que na mundividência santomense não há possibilidade de se falar de dualidade cultural, mas de uma “identidade de formação mestiça que nos meados do séc. XIX começa a estruturar-se definitivamente como africana na sua matriz psicocultural e antropológica”. (MATA, 1993, p. 64)

O século XIX, tido como o da segunda colonização, representa uma ruptura na medida em que a figura do português cede lugar à imposição de uma nova presença, que é a do africano. E, com a exploração do café e do cacau, começa, também, a haver a distinção social entre brancos e mestiços, que, então, se equiparam aos forros. Se, por um lado, esse século representa a implementação da agricultura, por outro, reduz “o já insignificante desenvolvimento social.” (MATA, 1993, p. 109)

Um dos poemas mais densos de *O útero da casa* é o belíssimo “Manifesto imaginado de um serviçal”, ao cantar o chão inconquistado.

[...]

clamo o pó que reclama a exaustão serena do meu corpo.
Não mo podeis usurpar, ngwêtas, com o ferro da vossa força.
Não mo negueis, ó híbridos forros, com o vosso frio desdém de séculos. Este barro é meu, espinho a espinho penetrou o osso dos meus passos como um sopro cruel e palpitante. Até ao fim onde
[agora
começo porque a morte é o estuário de onde desertam os barcos
[todos

que cavaram meu destino.

Irmãos:

Pelo mar viemos com febre. De longe viemos com sede.
Chegamos de muito longe sem casa.

[...]

Ilhas! Clamai-me vosso que na morte
Não há desterro e eu morro. Coroai-me hoje
de Raízes de sândalo e ndombó
Sou filho da terra. (LIMA, 2004, p. 35)

Surgem revoltas contra o colonialismo e contra as atrocidades e abusos praticados pelos grandes proprietários. Entre as ações repressivas, a chacina que, em Fevereiro de 1953, realizou o governador do território, Cel. Carlos Sousa Gorgulho, o massacre de Batepá, recorrente nas três obras da autora: “Era Fevereiro e a infância sussurrava/ Na varanda eterna da casa antiga/ Onde como fogo aceso persiste a tua face” (LIMA, 2004, p.56).

O principal problema da ilha, sobretudo a partir do século XIX, foi a distribuição muito desigual da terra. De um lado, nas mãos dos grandes proprietários, plantações extremamente lucrativas, e, do outro, uma agricultura de subsistência. Em 1950-1955, por exemplo, aos nativos (52% da população) pertencia menos de 1% do total dos produtos ricos que estavam na base das exportações da ilha (cacau, café, oleaginosas, quina, canela, banana). Esta situação acabou por se tornar insustentável.

Em 1960, é fundado o Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe, transformado, em 1972, num Movimento de Libertação (MLSTP).

Chega-se, então, à independência. Como em Cabo Verde, em 1975, foi instaurado um regime monopartidário. Nesta altura, as roças foram nacionalizadas, provocando a saída de 4 mil portugueses. As estruturas económicas são afetadas. Os conflitos se sucedem. Em 1980, entram no país cerca de 2.000 angolanos, conselheiros soviéticos e cubanos. O desmoronar da União Soviética, a partir de 1989, provoca o fim dos apoios internacionais deste regime.

Em 1990, é aprovada uma nova constituição, multipartidária, pondo fim ao regime anterior, mas não às tentativas de golpes de estado. Em 1995, um grupo de oficiais das forças armadas volta a tomar o poder. Esta situação de conflitos latentes acaba por depauperar a já frágil economia do país.

Conceição Lima evoca 1975, transformando em imagens seus fantasmas. Se os heróis “indagam por suas asas crucificadas” (LIMA, 2004, p. 25), se os mortos perguntam “Que reino foi esse que plantámos?” (LIMA, 2004, p. 30), a geração da Jota (LIMA, 2004, p. 24) encontra a distopia.

E quando te perguntarem
responderás que aqui nada aconteceu
senão na euforia do poema.

Diz que éramos jovens éramos sábios
e que em nós as palavras ressoavam como barcos desmedidos

Diz que éramos inocentes, invencíveis
e adormecíamos sem remorsos sem presságios
[...]

Oh, sim! Éramos jovens, terríveis
mas aqui – nunca o esqueças – tudo aconteceu
nos mastros do poema.

A ideia da herança e da distopia retorna em “Afroinsularidade”,
porque

Deixaram nas ilhas um legado
de híbridas palavras e téticas plantações
engenhos enferrujados proas sem alento
nomes sonoros aristocráticos
e a lenda de um naufrágio nas Sete Pedras
[...]

E nas roças ficaram pegadas vivas
como cicatrizes – cada cafeeiro respira agora
um escravo morto.

E nas ilhas ficaram
incisivas arrogantes estátuas nas esquinas
[...]

Aqui, neste fragmento de África
onde, virado para o Sul,
um verbo amanhece alto
como uma dolorosa bandeira. (LIMA, 2004, p.39)

Em *A dolorosa raiz do micondó* (2006), o segundo livro de poemas de Conceição Lima, a inquietação da história permanece e amplia-se, mas a casa, a casa está lá. É preciso mais, é preciso o encontro com as raízes gentes, que também são casa, referência, abrigo, porque as raízes gentes são como as do micondó, profundas, capazes de sustentar vinte metros de altura e dois mil anos de tempo, a árvore sagrada.

O poema “Canto obscuro às raízes” é, sem dúvida, um dos grandes poemas da literatura africana de língua portuguesa. Ele se volta para a recuperação da ancestralidade num diálogo antológico com a evocação de Alex Haley (1921-1992), jornalista e escritor afro-americano, que no romance *Roots* (1976) trabalha o tema da busca da origem. E, aí, o sujeito lírico se agranda.

Eu que trago deus por incisão em minha testa
e nascida a 8 de Dezembro
tenho de uma madona cristã o nome.

A neta de Manuel da Madre de Deus dos Santos Lima
que enjeitou santos e madre

ficou Manuel de Deus Lima, sumu sun Malé Lima Ele que desafiou os regentes intuindo nação — descendente de Abessole, senhor de abessoles.

Eu que encrespei os cabelos de san Plentá, minha três vezes avó
e enegreci a pele de san Nôvi, a soberana mãe do meu pai
Eu que no espelho tropeço na fronte dos meus avós...
Eu e o temor do batuque da puíta
o terror e fascínio do cuspidor de fogo

Eu e os dentes do pãuen que da costa viria me engolir
Eu que tão tarde descobri em minha boca os caninos do
[antropófago...]

Eu que tanto sabia mas tanto sabia
de Afonso V o chamado Africano
Eu que drapejei no promontório do Sangue
Eu que emergi no pacote Império
Eu que dobrei o Cabo das Tormentas
Eu que presenciei o milagre das rosas
Eu que brinquei a caminho de Viseu
Eu que em Londres, aquém de Tombuctu

decifrei a epopeia dos fantasmas elementares.
Eu e minha tábua de conjugações lentas
Este avaro, inconstruído agora
Eu e a constante inconclusão do meu porvir

Eu, a que em mim agora fala. (LIMA, 2006, p. 11-19)

Eu, a que em mim agora fala é mais do que eu, é São Tomé e é África, ainda que perdida na linearidade das fronteiras, é tradição, é essencialidade, é oralidade e é história.

Aqui, ao colonialismo, a “Anti-epopéia” (LIMA, 2006, p. 20) às avessas, na colaboração dos negros, a denúncia da ganância e a avidez por bugigangas como produto de troca. O poema que segue é “Espanto” (LIMA, 2006, p. 21), onde Conceição Lima diz, com rara sensibilidade e com grande força imagética, o silêncio de quem partiu como escravo.

“Zálina Gabon” também retrata a escravidão e as mortes decorrentes desse processo como uma memória que marca o arquipélago: “Falo destes mortos como da casa, o pôr do sol, o curso d’água/ São tangíveis com suas pupilas de cadáveres sem cova/ a patética sombra, seus ossos sem rumo, sem abrigo.” (LIMA, 2006, p. 22)

Impressiona a consciência que Conceição Lima tem do seu próprio processo de criação, daí o domínio que demonstra sobre a palavra e o verso, porque o poema é também objeto do poema. Refere-se à Nigéria e à Biafra, quando os EUA, através da Joint Churches Aid, montaram uma ponte aérea a partir de São Tomé e Príncipe, com o intuito de auxiliar o Presidente Ojukwu e o povo do Biafra no abastecimento de necessidades básicas como alimentação e medicamentos. Foi, na ocasião, criado um internato exclusivo dentro do Hospital Central, bem como diversas casas de zinco para residência oficial das crianças da Biafra, na sede da Quinta de Santo António. A guerra deixou dois milhões de mortos. Ao mesmo tempo em que canta o “Espectro de Guerra”,

[...]

Um dia fui ao hospital e vi esqueletos. Eram pequenos como nós e eram esqueletos. Só tinham cotovelos olhos e joelhos.

Estavam deitados nas camas, muito quietos, presos a uns fios com balões de vidro.

Eram muitos e vinham de noite nos aviões.

Não sei quantos saíram do hospital aumentado para os seus ossos.

a poeta pensa o poema:

Sei que certos poemas juntam os versos como se os deitassem numa vala comum.

Certos poemas sentem dó da metáfora, trancam a porta na cara da rima.

São vítreos olhos em flácidos corpos.
[...] (LIMA, 2006, p. 30-32)

O poema, a história, a casa, sempre a casa, porque “Inegável”

Por dote recebi-te à nascença
e conheço em minha voz a tua fala.
No teu âmago, como a semente na fruta
o verso no poema, existo.

Casa marinha, fonte não eleita!
A ti pertença e chamo-te minha
como à mãe que não escolhi
e contudo amo. (LIMA, 2006, p. 54)

E conta a lenda, renovando as esperanças, que “Há-de nascer de novo o micondó”... “Reabitaremos a casa, nossa intacta morada” (LIMA, 2006, p. 67-68), num alerta de que o passado, anterior ao sofrimento, não morre e a casa da pertença é também proteção. Se há, em Conceição Lima, a denúncia de todas as destruições do processo colonizador, há também a esperança e a simplicidade complexa da constatação de que o cosmos das ilhas é feito de matéria outra. Como no poema “arquipélago”: “O enigma é outro – aqui não moram deuses/ Homens apenas e o mar, inamovível herança.” (LIMA, 2006, p.53)

O país de Akendenguê (2011), o terceiro livro de Conceição Lima, é, porventura, o mais elaborado; nele, anuncia o escritor Helder Macedo em excelente prefácio, há uma atitude cultural e uma perspectiva literária. E, de fato, assim é.

A análise de Helder Macedo parte da referência, no título da obra da escritora santomense, ao poeta e músico do Gabão, Pierre Akendenguê,

cujas composições tem contribuído para a definição de uma africanidade capaz de integrar, como e enquanto africana, manifestações culturais tradicionalmente associadas a outros povos e a outros continentes.(...) E a mitologia Africana presente em muita da sua poesia corresponde a arquétipos míticos universalmente reconhecíveis. (in LIMA, 2011, p. 7)

E, então, estabelece o diálogo:

Se entendo correctamente, o título deste livro de Conceição Lima aponta para uma partilhada perspectiva africana universalizante e, desse modo, define uma atitude oposta à que seria a de uma cultura colonial que visasse integrar-se numa cultura colonizadora. (in LIMA, 2011, p. 7)

E continua: “O ‘país’ de Conceição Lima é uma ilha. (...) A sua ilha é São Tomé, ponto de partida e de chegada numa viagem entre a memória e o desejo.” (in LIMA, 2011, p. 7)

E é aqui, nesta viagem anunciada não uma viagem de evasão, mas reflexiva, crítica, libertadora, de encontro, que embarcamos, uma viagem formada, na maior parte das vezes, de poemas curtíssimos e absolutamente densos. É próprio da poeta este talento de luta e de persistência de luta com as palavras de que diz não estar farta e as procura “Para que elevem, soberanas, o reino que forjamos.” (LIMA, 2011, p. 27): “Para te encontrar levantarei os prumos./ Inventarei a casa nos mesmos rios/ Para nos descobrir.” (Idem, p. 28)

É o que caracteriza a primeira das sete – aliás, sete é o número da perfeição – partes do livro, a busca e o encontro das palavras para “nos descobrir”, porque “Tudo é profundo nos olhos da Cidade/ Até a teia dos enganos desvenda a pertinácia deste rosto.” (Idem, p. 33)

A segunda parte é a da pertença. Se em “Viajantes” (LIMA, 2006, p. 31), a avó pergunta: A quem pertences tu?/ Quem são os da tua casa? – vem do belíssimo “O amor do rio” (de que Helder Macedo faz excelente análise) a resposta:

Este lugar é a minha casa, não tenho outra.
Esta casa é o meu lugar, não quero outro.
Ainda que o ventre da infância reconvoque outro exílio.
Mesmo se a angústia das mães antecipa a aurora.
Por isso trouxe ao teu jardim o odor do sal, a raiz do mar que
[bordeja o baobá. (LIMA, 2011, p. 40-42)

E, então, a fronteira, porque “Trespasar é sina dos que amam o mar” (LIMA, 2011, p. 44). O primeiro trespasar é a terceira parte do livro, cujo tom mitológico recupera o pastor lendário, semeador de mortes e o guardião. A transição desta parte para o segundo trespasar, “Os territórios deflorados” – “Iremos/ sem temor dos fantasmas/ Conhecemos o trilho” – localiza-se no “Projecto de canção para Gertrudis Oko e sua mãe”(LIMA, 2011, p. 60-61)

Surge, aqui , o primeiro balanço da viagem:

Esta viagem não responde às minhas perguntas.

Trespassei o aço das certezas.

Herança, devorei-as.

A etapa seguinte rasga a prévia cartografia

Toda a fronteira é um apelo à renúncia.

Perscrutei mares cidades sinais nas pedras papiros.

Ao encontro da linguagem da tribo azul
cada passo me afasta de um rito sagrado.

Esta caminhada decreta um tráfico sem remissão:
a fortaleza do sonho pela metamorfose das feridas.

Vítima da memória, nenhum deus me acolhe à chegada.

Dádiva é a parte seguinte, a quinta; aqui, Conceição Lima homenageia o artista plástico Protásio Pina, já cantado no poema “Mural” de *O útero da casa*. Por que Pina como dádiva? Porque Protásio Pina foi grande artista plástico santomense e referência de gerações posteriores. Viveu entre 1960 e 1999, período em que demonstrou – tal como Conceição – todo amor e devoção à natureza. Naturalista e minimalista, buscou a perfeição em suas paisagens, captou, como a poeta, a arte da fauna e da flora da ilha, dando a ela vida em seus murais. Pintou com as cores que Conceição pinta com as palavras, mas “O coração, que vinha ao encontro da sua mão, anoiteceu” e “O coração ficou no jardim ardendo na roda das estações.” (LIMA, 2011, p. 78) O jardim de que o jovem pintor se condeou, enquanto os deuses dormiam à sombra das ruínas.

É na sexta parte da obra que ressurgem os fantasmas elementares, aqueles que, segundo Adonis, “avançam/ Entre fogo e metamorfose” (LIMA, 2011, p. 95). O primeiro deles é Kwame Nkrumah. Líder político africano, foi um dos fundadores do Pan-Africanismo e um grande lutador pela descolonização da África. Foi primeiro-ministro e presidente de Gana. A ele, Conceição Lima canta:

Kwame

Deixei longe o clarim.

[...]

Acostumo-me ao perpétuo fogo

Na frente de Acra.

Que diriam as palavras

O que diriam

Sobre o árduo fulgor da tua mortalha? (LIMA, 2011, p. 81)

O Segundo é Mwalimu, líder marcado pela simplicidade, que lutou pela libertação da África, lutou contra a injustiça e a indignidade a que foram submetidos os africanos, ele foi

O que cuidou das sementes e dos frutos

O que pegou na palavra

E arou um campo sem ossadas

O que teve as mãos calejadas

Adormeceu coroadado de brancos cabelos [...] (LIMA, 2011, p. 82)

O terceiro, é o “Congo 1961” (LIMA, 2011, p. 83), numa referência à grande crise e a Patrice Lumumba, primeiro ministro daquele país.

Segue-se a série belíssima de poemas de “Todas as mortes de Amílcar Cabral e “As montanhas.

Fecha esta parte o inquietante e belo poema “Em nome dos meus irmãos” (LIMA, 2011, p. 93-94) , dedicado a Alda Espírito Santo, em seu octogésimo aniversário:

Hoje cantarei o ferro da dor da nossa mãe, chamarei musgo e rocha à
[tua mão,
pois do fundo dos dias mantenho na página aberta, o perfil do
[archote.

Inquietante pela reiteração do pronome interrogativo.

[...]
Quem, altura e testemunha, vela no sopé do Futa Jalon a pestana de
[Amílcar, o riso de Amílcar, as botas de Amílcar?
Quem decifrou o testamento de Kwame?
Quem nos mostrou as torrentes de Kwanza?
Que canto confortou a solidão de Pauline? Pauline e sua carta de
[saúde, sua fome de futuro, Pauline e Patrice seu amor [assassina-
do, esse amor transmutado em minério do Congo?

Para responder:

Não, não falarei do profeta em teu peito: seus sonhos, nossas [teimas,
o limite da sua clarividência , a inexorável estrela em nossa testa.

Entre os ramos das goiabeiras e a pele dos livros, respiro.
Toco o mapa da lua, louças antigas, o vulto de Maria de Jesus, os [lon-
gos brincos de Maria Amélia, Vasco e Egídio, os espectros [amados.

Teus cotovelos fincados na borda da mesma austera mesa.
Sirvo-te chá. Sento-me diante dos teus olhos. Estamos em casa.

Encerra a obra a sétima – já disse, o número perfeito, macho e fêmea – ilha e país , partida e retorno – parte – “sétimo”, como escreve Conceição Lima, é “O coração da ilha”

Há, aqui, o alerta das sementes e a consciência de que somente os pensamentos e as experiências – transfiguradas ou não – sancionam valores humanos, e de que “Na onda se inscreve todo o princípio/ as sementes da blasfêmia e da redenção.” (LIMA, 2011, p. 97)

A casa, que percorre as três obras – tema obsessivo de Conceição Lima – retorna grave em “A voz de pedra” (LIMA, 2011, p. 104), sacralizada por um simbolismo cosmológico. Ela é construída e renovada poeticamente, envolvendo existência plena. “Amanhã despediremos o muro – conhecemos a voz da pedra.”

Há, então, o retorno da viagem, na “Circum-navegação” (LIMA, 2011, p. 106), “sossegaram os mortos”. A volta à casa em barcos “carrega-

dos de cidades e distância.” (LIMA, 2011, p. 106), representa abrigo e paz, a integração, enfim, procurada nas lembranças, nos sonhos, nos pensamentos. A casa está inscrita no corpo, comenta Eliade (1991) não como traço mnêmico, mas como imagem de intimidade, como imagem que busca um centro, que instaura um centro, que cria um universo. Em Conceição Lima, o ponto de união entre imaginação e memória. O universo, trazido pelos barcos, de lá do mar, também matriz e recorrência da literatura santomense, o mar do ser santomense, é onde se habita a casa, a ilha. A casa e a ilha como representação da terra, “como fundadora de uma **insularidade africanamente telúrica** (raiz, húmus, pátria”, dirá Inocência (MATA, 1998, p. 84), “o mar (e seus elementos metonímicos, o barco, a nau [...] como contraponto diferencial de uma insularidade que cada vez mais, vem afirmando, através de sua peculiaridade histórica, uma **ambivalente insularidade**: mestiça, crioula, mas profundamente africana.”

Acontece a arte da viagem
Tanta aprendizagem de leme e remendo...

É quando o olho imita o exemplo da ilha
E todos os mares explodem na varanda.(LIMA, 2011, p. 106-7).

Esta é já a marca de Conceição Lima na história da literatura. É na casa, esta casa país e esta casa continente e na sua revisitação político-histórico-cultural que reside a qualidade inequívoca do fazer poético de Conceição Lima; não há limite, nesta sua verdade poética, entre a memória, a imaginação e sua transposição para o texto.

As grandes imagens trabalhadas por Conceição Lima têm ao mesmo tempo uma história e uma história anterior à história, própria da cultura mítica. São sempre lembrança do vivido e do não vivido e contêm, simultaneamente, a lenda e situações e personagens lendários. Talvez por isso seu poema seja, de fato, porta aberta tocha acesa.

A porta instiga o leitor ao mergulho na memória-fantasia-imagem profunda, a tocha, por sua vez, é luz que evoca a memória, revivificando o passado para o presente, iluminando o presente. É que há poetas, felizmente!, há poetas que lutam com as palavras e as libertam para que o mundo, em liberdade, se entenda. São Lima é um desses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Conceição. *A dolorosa raiz do Micondó*. Lisboa: Caminho, 2006.

_____. *O país de Akendenguê*. Lisboa: Caminho, 2011.

_____. *O útero da casa*. Lisboa: Caminho, 2004.

MATA, Inocência. *Diálogo com as ilhas* (sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe). Lisboa: Colibri, 1998.

_____. *Emergência e existência de uma literatura: O caso santomen- se*. Lisboa: ALAC, 1993.

Recebido para publicação em 24/05/12.

Aprovado em 30/06/2012.